Processos e redes para além do humano: notas para uma cartografia de equívocos

T Processes and networks beyond the human: notes for a cartography of equivocation

Evandro José Medeiros Laia
evandro.medeiros@ufop.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-8463-3176

Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor com Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Resumo

O campo da comunicação é construído a partir de pesquisas em processos, nas quais início e fim não coincidem exatamente com a temporalidade das coisas pesquisadas. A partir desta premissa, revisitamos a cartografia de inspiração deleuziana, cujo objetivo é acompanhar processos, e a cartografia de controvérsias, de inspiração latouriana, na qual o objetivo é tornar visíveis as associações entre humanos e não humanos. Inspirados nestas duas abordagens e com base no modelo de comunicação transespecífica dos xamãs yanomamis, descrito no perspectivismo ameríndio, propomos uma cartografia de equívocos, cujo objetivo é identificar os pontos de tradução da diferença de um modo menos redutor. A proposta leva em conta os desafios de uma comunicação por vir em processos nos quais é cada vez mais difícil estabelecer o início e o fim.
Palavras-chave: cartografia, comunicação, equívoco.

Abstract

The field of communication is built from research into processes, in which the beginning and end do not exactly coincide with the temporality of the things researched. Based on this premise, we revisit Deleuzian-inspired cartography, whose objective is to follow processes, and the Latourian-inspired cartography of controversies, in which the objective is to make associations between humans and non-humans visible. Inspired by these two approaches and based on the transpecific communication model of Yanomami shamans, described in Amerindian perspectivism, we propose a cartography of equivocations, whose objective is to identify the translation points of difference in a less reductive way. The proposal takes into account the challenges of communication to come in processes in which it is increasingly difficult to establish the beginning and end.
Keywords: cartography, communication, equivocation.

Introdução

As pesquisas que empreendemos no campo da comunicação guardam, em comum, um certo caráter processual, visto que abordamos redes de conexões e relações que se reconfiguram incessantemente, portanto não começam e nem terminam na mesma temporalidade institucional dos nossos projetos. Este era um desafio que já estava posto bem antes do avanço das tecnologias digitais e que tem sido potencializado pela complexidade dos emaranhados que acessamos, a partir da reconfiguração pelo qual passam os processos comunicacionais.

Esta parece ser uma questão que se avizinha rapidamente, no contexto das inteligências generativas, que criam dispositivos e ambientes imersivos de emulação do comportamento humano, mas também frente às mudanças climáticas, que nos obrigam a uma tomada compulsória de consciência do caráter conectivo da existência humana no planeta. Tudo isso vai alterar radicalmente o modo como vivemos e, por consequência, como nos conectamos e nos comunicamos, como explicou em entrevista o antropólogo Renzo Taddei (Medeiros, 2022, p. 9).

> *Neste contexto, seres humanos, comunicação e jornalismo serão coisas distintas do que nos habituamos a pensar, uma vez que as condições fenomenológicas sobre as quais o Iluminismo foi constituído como modelo já não mais estarão vigentes. Nas novas redes sociotécnicas em que se constituirão os processos de produção de imaginação coletiva e das convenções sociais, e de onde emergirão novas formas de experiência do mundo e da vida no futuro, as relações entre humanos e máquinas ocuparão lugar central.*

Este transe frente às alterações no modo de existência humana conduz à consciência da condição da conexão de todas as coisas e nos obriga a "intuir a urgência de se fabular um procedimento de investigação da existência, que acolha nossos estranhamentos, nossos esgarçamentos identitários, nossos balbucios", como alerta Preciosa (2010, p. 37).

A proposta apresentada neste artigo está marcada pela tentativa de trazer conceitos, ou analogias de conceitos, de cosmologias não ocidentais para pensar o ocidente, movimento

DOI: https://doi.org/10.4013/qt.2023.1122.07 – Vol. 11, nº 22, julho-dezembro/2023

que desloca a atenção da epistemologia, ou seja, do modo como o conhecimento é produzido, para a ontologia, o próprio modo de existência das coisas, criando jeitos de contemplar, refletir e comunicar ao invés de representar o desconhecido, no processo que ficou conhecido como virada ontológica. "A tarefa do conhecimento deixa de ser a de unificar o diverso sob a representação, passando a ser a de 'multiplicar o número de agências que povoam o mundo' (Latour)" (Viveiros de Castro, 2007, p. 96).

Porém, é necessário, de antemão, já apontar o mal-estar causado pelo conceito para abordagem de cosmologias originárias, afastadas da filosofia, fiadora do conceito de ontologia e da própria ideia abstrata de conceito. Intelectuais indígenas, como o professor José Àngel Quintero Weir (2021), membro do povo Añuu, da Venezuela, têm apontado o problema. Neste artigo, suspendemos temporariamente a questão para fazer as conexões necessárias, pela ausência temporária de outro termo menos ocidentalizante para tratar o assunto, algo a ser inventado. Portanto, partimos da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996), especialmente com o conceito de rizoma, e da obra de Bruno Latour (2005), a partir do conceito de redes sociotécnicas, para desenhar uma experiência cartográfica forjada em incursões empíricas a partir da ideia de equívoco, vinda do perspectivismo ameríndio proposto por Eduardo Viveiros de Castro (2004), e apontamos possíveis contribuições desta ideia para pesquisas no campo da comunicação.

1 Acompanhar processos rizomáticos

A perspectiva cartográfica na produção de conhecimento está fundada na filosofia da diferença, de Deleuze e Guattari (1996), numa chave que encontra eco nas pesquisas em humanidades, especialmente, nos campos nos quais a invenção de subjetividades ocupa lugar importante, como na psicologia. Esta abordagem desperta o interesse da Comunicação e aponta para uma pesquisa na diferença. Tal tarefa passa justamente pelo lugar que, a partir da obra de Deleuze e Guattari, Eduardo Simonini (2019) chama de trama maquínica, envolvendo, além das conexões mecânicas das coisas, também as relações, os afetos e os desdobramentos que unem os entes de uma relação, de um devir, na forma do rizoma, conceito que aparece logo na "Introdução" do célebre livro *Mil platôs*. O rizoma é conceito da botânica: não existe um ponto central de enraizamento onde está a centralidade daquela existência, o que existe é um emaranhado de conexões heterogêneas. "Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomorfas num outro sentido inteiramente diferente [...] Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas" (Deleuze; Guattari, 1996, p. 14).

Os autores elencam princípios do rizoma, de modo sistemático, e a partir deles desenvolvem uma concepção de pensamento difuso, sem um ponto central de organização. Um destes é o princípio de cartografia e de decalcomania (Deleuze; Guattari, 1996, p. 20): se as malhas rizomáticas não possuem profundidade a ser explorada, o importante são as linhas que indicam o movimento que traça um mapa de intensidades e afetos a comporem territórios existenciais: este é o conceito de cartografia, tomado por empréstimo da Geografia. Esta fabulação conceitual é importante para a construção de uma abordagem que desafia o modo comum, hegemônico de produção de conhecimento a partir da redução da diferença.

> *Estamos acostumados a nos apoiar em formas de pensar que julgam, analisam, sistematizam e ignoram as incalculáveis surpresas que podemos provar diante das ideias que nos surgem como rumores e nos engatam numa conversa infinita e invisível com o barulho paradoxal da vida se manifestando não em linha reta, mas de viés, trajando seus inacabamentos (Preciosa, 2010, p. 18).*

Deleuze e Guattari (1996, p. 46) apostam na ideia de máquina desejantes para substituir a noção do inconsciente edipiano, sugerindo que o desejo é produzido de modo maquínico, mas não no sentido de uma divisão entre o que é humano e o que é artificial, mas sim no de acoplamentos. Tudo é produção maquínica de desejo, a partir de acoplamentos, que se fazem e se refazem, configurando realidades que não se sustentam em nenhuma essência, em nenhuma verdade inaugural, em nenhum fundamento centralizador. Mais importante que achar uma verdade é seguir o rizoma para descobrir que efeitos de verdade foram ativados, produzidos por aquelas conexões.

> *No movimento de cartografar realidades temos que o que está em jogo é algo muito mais complexo do que reduzir a dinâmica cartográfica a um método de pesquisa. Isso porque no processo da cartografia não basta ao pesquisador se munir de instrumental metodológico; a principal atitude que o mesmo deve assumir é tanto epistemológica quanto existencial, ao considerar que não existe um mundo independente das tramas que o tecem (Simonini, 2019, p. 5-6).*

Abandona-se a ideia de que há uma verdade lá fora que precisa ser descoberta, explorada à custa de tirar a subjetividade das coisas. Na ciência moderna, chamamos o que observamos de objeto de pesquisa, investindo numa epistemologia cuja baliza está no corte, na cisão entre a coisa observada e suas conexões com todas as outras, ao contrário do que Bird-David (1999, p. 77, tradução do autor) chama de *epistemologia relacional*, "sem os horizontes separados de uma visão relativa", que se constitui como um modo de produzir conhecimento sobre o mundo. "Os dois caminhos são reais e válidos. Cada um tem seus limites e suas vantagens" (Bird-David, 1999, p. 78, tradução do autor), porém, Preciosa (2010, p. 27) alerta que há uma diferença considerável de investimento subjetivo no segundo modo de produção:

> *Conectar-se às forças caóticas da vida, que contagiam o pensamento, exige coragem de se libertar de um modelo profissional de seu exercício. Um modo de conhecimento escoltado por um saber formal, capaz de articular discursos competentes e desonestos do ponto de vista existencial.*

A cartografia busca investigar um processo de produção. Por isso mesmo não há um conjunto de regras abstratas a serem aplicadas, um caminho linear para atingir um objetivo, é menos uma competência e mais uma performance que precisa ser desenvolvida como uma política cognitiva do pesquisador (Kastrup, 2009, p. 33). Ou seja, o cartógrafo esquiva-se do objetivismo e do subjetivismo, que seriam duas faces de

uma mesma política, e assume o realismo cognitivo, numa perspectiva construtivista do conhecimento, acessando elementos processuais numa investigação que acontece na observação e na relação.

> *O pesquisador deve, então, estar atento, de olhos e coração abertos para o que se coloca à frente. Não dá para separar produção intelectual da vida, é preciso pensar toda a rede de relações em torno do que se pretende observar para encontrar pistas que apontem para uma saída, um olhar pretensamente distanciado, um passo fora do que já foi pensado, uma aventura para além do reconhecível (Medeiros, 2002, p. 32).*

Portanto a cartografia evidencia mediações, sem considerar uma realidade das coisas anterior à pesquisa. O exemplo de Simonini (2019, p. 11) é do trabalho de uma doutoranda que apresentou uma tese sobre cooperativas de crédito rural. Embora não definisse o seu trabalho como uma cartografia, a estudante ficou incomodada, em suas observações de campo, ao perceber as unhas desgastadas e sujas de terra dos trabalhadores rurais em contraposição às unhas brilhantes e cuidadas dos coordenadores da cooperativa, que também se apresentavam como agricultores familiares. As unhas nada tinham a ver com a pesquisa, mas, ao mesmo tempo, pelo seu incômodo, a partir da sua atenção, ganharam importância e apontaram o fio de um novelo complexo da rede, do rizoma que produzia a realidade construída no seu estudo.

> *As realidades seriam, portanto, dobras de agenciamentos heterogêneos e complexos que transbordam para além dos condicionamentos sociais, econômicos e dos traumas psíquicos. Enquanto praticantes de mundos e cartógrafos de realidades, falamos e pensamos em meio a essas dobras com as quais fazemos núpcias na composição de uma experiência de mundo em meio aos encontros que produzimos, às conexões que mantemos ativas, aos agenciamentos maquínicos que nos produzem uma vida (Simonini, 2019, p. 10).*

A aposta da cartografia de inspiração deleuziana é a de acompanhar processos de construção de realidades e de invenção de subjetividades. Barros e Kastrup (2009, p. 58) alertam para o fato de que a palavra processo tem dois sentidos bem distintos. O primeiro é o de processamento e evoca uma concepção marcada pela teoria da informação, ou seja, a pesquisa aqui é entendida como coleta e análise de informações. No segundo sentido, de processualidade, está o coração da cartografia e pressupõe um grande desafio para o pesquisador: os processos que ele acompanha, em geral, já estão em andamento. É preciso começar pelo meio. "Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes" (Barros; Kastrup, 2009, p. 59), não dá para separar as etapas. A cartografia não visa, com isso, isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Para isso, é preciso se deixar levar pelo campo de força, evitando que predomine a busca de informação, permitindo assim que o pesquisador se abra para o encontro.

Viveiros de Castro (2015, p. 119) lembra que "a filosofia da diferença é uma filosofia da relação", ou seja, nesta perspectiva o mundo é pensado a partir das conexões. É possível dizer que no campo da comunicação o conhecimento é produzido a partir das emergências, das mediações resultantes dos processos. Portanto, em vez de um modo a epistemologia moderna, marcada pela retirada do objeto de pesquisa de seu contexto e no conhecimento como um fetiche, o investimento, nesta abordagem, passa pela epistemologia relacional, cujo interesse está no conhecimento-no-mundo, incluindo toda uma ecologia de coisas em relação e não apenas em um objeto.

A própria ideia da separação entre sujeito e objeto é colocada em questão como uma distinção prática e não filosófica, ou seja, como uma configuração histórica, cujo sentido está localizado no tempo e no espaço, a partir da experiência da ciência moderna, como fabulação sobre o mundo. Tal operação de separação das coisas entre sujeito e objetos é empreendida pela experimentação científica, "operando a hierarquização das invenções, ou, antes, convertendo uma delas na única representação legítima do fenômeno em questão" (Barros; Kastrup, 2009, p. 55). Ao contrário do método da ciência moderna, a cartografia não aparta o objeto/sujeito de pesquisa de suas conexões com o mundo, mas, ao contrário, busca mapear a rede de forças a qual o fenômeno está ligada, sem o que Latour (1994) chamou de purificação, um processo de construção da realidade, típico da modernidade, de separação de humanos e não humanos em zonas ontologicamente opostas. Por isso, embora ainda esteja focada predominantemente na relação entre humanos, a perspectiva cartográfica dialoga com a teoria ator-rede (TAR), esta sim, que toma humanos e não humanos sem distinção, conferindo a mesma importância a todos os atores, sem hierarquias prévias.

2 Mapear redes sociotécnicas

Um bom olhar para a cartografia como uma abordagem potente na lida com fenômenos comunicacionais emergentes, com vínculo nos acontecimentos do dia a dia, é a partir das experiências de mediação inauguradas pela digitalização e pelo uso de *smartphones* e outros *gadgets*, acionando, inicialmente, a teoria ator-rede (TAR) (Latour, 2005; Lemos, 2013). Tal perspectiva aposta numa sociologia que não antropocêntrica e investe nos elementos não humanos envolvidos na construção de sociabilidades que vão além do binômio sujeito-objeto, considerando que humanos e não humanos exercem agenciamento mútuo na construção de relações que seriam, estas sim, de fato, o que chamamos de sociedade. Nesta abordagem relacional, um conceito, como o de meio de comunicação, por exemplo, seria uma rede sociotécnica, formada por uma conjunção entre humanos e não humanos, incluindo aí toda relação com a parafernália técnica que agencia a produção de discursos sobre o mundo. Para defender a TAR como uma teoria da comunicação, André Lemos (2013) a descreve como uma "sociologia da mobilidade" que busca identificar a associação entre atores, mediadores ou intermediários, e a circulação de agência pela rede, entendendo as estabilizações que daí surgem como configurações temporárias que se desfazem com o surgimento de novas controvérsias.

A ideia de rede sociotécnica ocupa o lugar do conceito clássico de sociedade como uma estrutura, referência, um *a priori* que, para Latour (2005, p. 4), foi a primeira solução encontrada, nas ciências sociais, para explicar os modos de

existência na modernidade ocidental, mas que não dá conta de captar os fluxos para além do humano criados pelo humanismo ocidental. Conceitos como sociedade, ordem social, estrutura social ou dimensão social, não levam em conta uma miríade de outros existentes que interferem e/ou produzem esse social.

> *Durante o último século, durante o qual as teorias sociais foram elaboradas, foi importante distinguir esse domínio da realidade de outros domínios, como economia, geografia, biologia, psicologia, direito, ciência e política. [...] Essa posição padrão tornou-se senso comum não apenas para cientistas sociais, mas também para atores comuns por meio de jornais, educação universitária, política partidária, conversas de bar, histórias de amor, revistas de moda, etc. (Latour, 2005, p. 4-5, tradução nossa).*

A segunda solução, proposta por Latour e pelos fundadores do *science studies*, foi a ideia da sociedade como uma rede de relações, associações, sendo o social o fluxo de agências que circulam entre os atores desta rede. O social é visto aqui como tudo aquilo que pode ser reunido, agregado, não havendo nada que possa ser considerado assim *a priori*. Nada é sociedade e tudo é sociedade: o *status* vai depender do mapeamento das associações, que também podem mudar.

> *É possível permanecer fiel às intuições originais das ciências sociais redefinindo a sociologia não como a 'ciência do social', mas como o rastreamento de associações. Nesse sentido do adjetivo, social não designa uma coisa entre outras coisas, como uma ovelha negra entre outras ovelhas brancas, mas um tipo de ligação entre coisas que não são sociais em si (Latour, 2005, p. 6, tradução nossa).*

As associações propriamente ditas, em constante rearranjo, é que formam o que podemos chamar então de social. Latour nomeou esta abordagem de sociologia das associações, em contraposição ao que chamou de sociologia do social: esta busca identificar a circulação de agência pela rede, que inclui humanos e não humanos da mesma maneira, entendendo as estabilizações que daí surgem como caixas pretas, configurações temporárias que se desfazem com o surgimento de novas controvérsias.

> *Após a resolução da controvérsia, tudo se estabiliza, passa para um fundo e desaparece, até o momento em que novos problemas apareçam e a rede se torne mais uma vez visível. Um aparelho de ar condicionado, por exemplo, é uma caixa-preta se está funcionando sem chamar a atenção. Parece uno, indivisível, compacto. Quando quebra, vemos os diversos mediadores estabilizados que o compõem: peças, regras de garantia, disponibilidade de técnicos ou serviços especializados, problemas de engenharia ou de projeto etc. (Lemos, 2013, p. 55).*

Ou seja, as controvérsias apontam para uma disputa pela estabilização, portanto, observar esse fator de desagregação e o processo posterior de reagregação deste social estendido para além do humano é o melhor momento para mapear redes sociotécnicas.

Assim, o segundo aporte que apresentamos para uma mirada cartográfica no campo da comunicação vem da própria TAR, cuja operacionalização como acionamento metodológico é sistematizada por Lemos (2013, p. 110) na experiência da cartografia das controvérsias (CC), "um conjunto de técnicas para explorar e visualizar polêmicas, questões emergentes em determinados agrupamentos, o movimento, a circulação da ação e a fluidez de mediações, revelando as diversas dimensões que compõem uma rede sociotécnica". É nos processos, nas redes em movimento que a tradução está acontecendo, onde é possível ver o social se agregando. A proposta não requer teorias ou métodos específicos, *frames* que balizem o olhar, de antemão. O objetivo é acompanhar atores, compreender seus programas de ação, as formas de mediação e a constituição de redes, ou seja, acompanhar rastros via observação participante, entrevistas, netnografia, produção visual, revisão documental ou qualquer outro método/técnica que se revele adequado para visualizar ou recuperar a visualização da rede sociotécnica em questão. A proposta da cartografia das controvérsias, de inspiração latouriana, é tornar visíveis as redes observadas e mapear seus fluxos de agência, antes ou depois do fechamento delas em caixas pretas, configurações mais ou menos estáveis.

Lemos (2013, p. 127) dá como exemplo uma controvérsia envolvendo gandulas em um jogo de futebol. Na situação mostrada, ao invés de atuarem como intermediários, apenas recolhendo as bolas e as devolvendo aos jogadores, eles começaram a atrasar ou adiantar a entrega, dependendo do time em questão, conforme um acordo combinado anteriormente. No caso, de intermediários eles passaram a mediadores, actantes, alterando o andamento da partida. A controvérsia se fez assim, tornando visíveis objetos, abstrações e todos os outros invisíveis até então: as confederações de futebol, o tribunal desportivo, os patrocinadores. Num outro exemplo, o autor explica como rastros deixados no tempo e no espaço podem ser mapeados com a CC, usando o telefone celular como exemplo:

> *Podemos identificar a natureza do plástico e toda a indústria petroquímica por trás, os circuitos eletrônicos e o trabalho dos engenheiros, o silício sendo extraído e processado, as antenas colocadas para captar as ondas de rádio nos envolvendo de forma invisível [...] as lentes que, polidas e trabalhadas, permitem ao objeto fazer fotos e vídeos, o projeto de usabilidade da interface e o desenho do aparelho fazendo dele um objeto que cola ao corpo e às pontas dos dedos, o estoque de energia antecipando o tempo futuro de uso na bateria, as leis e concessões do Estado que permitem fazê-lo funcionar, as empresas que vão dar garantia e consertá-lo quando algo acontecer, o mercado que vai me fazer consumi-lo (Lemos, 2013, p. 127).*

Encontramos ecos da cartografia deleuziana aqui, embora não haja na proposta de Latour uma menção explícita a Deleuze e Guattari. O passo à frente, para o que importa neste artigo, reside no fato de que a TAR reforça explicitamente a ideia de que os não humanos cumprem um papel de agenciamento na trama maquínica. Para Lemos, a TAR apresenta-se como uma teoria do social para pensar os mediadores contemporâneos sem colocar os objetos de fora. Quando o assunto é mídia digital, não é possível considerar um *tablet* ou um *smartphone* como externalidade pura e simplesmente: para além de extensões, como Marshall McLuhan já havia mostrado bem antes, os meios de comunicação são constituições do humano, assim como toda ecologia de coisas em torno desse modo de existência, como nos exorta Ailton Krenak (2019, p. 31):

> *Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente.*

Tomamos as palavras de Krenak neste ponto para ir além da leitura materialista que Latour e ainda mais Lemos propõem para a TAR e acionar, assim, uma certa humanidade estendida a outros existentes além do humanos, o contrário do que preconiza o humanismo europeu moderno, o "clube seleto que não aceita novos sócios", em contraposição a "uma sub-humanidade, que fica agarrada na Terra" (Krenak, 2020, p. 7), as gentes que habitam territórios geográficos cujo *locus* produz subjetividades outras, para além do movimento do indivíduo moderno ocidental. Gente meio esquecida "pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade" (Krenak, 2019, p. 21). Tal modo de existência contempla um ponto a ser observado aqui, em diálogo com a TAR, imaginando cartografias estendidas para além do humano: a subjetividade dos rios, montanhas, superando alegorias e metáforas a que estamos acostumados, no nosso modo dessubjetivado de nos relacionarmos com o espaço marcado pela modernidade, em contraposição a um outro modo de existência considerado não civilizado: o animismo.

3 Cartografar equívocos

O animismo é um conceito fundante da antropologia e resume-se *grosso modo* como a crença de que as coisas possuem alma, ou seja, a possibilidade de agenciar transformações no mundo de modo similar aos humanos. Mas esta é uma perspectiva ocidental da questão, observada pelo prisma da separação ontológica entre natureza e cultura, promovida pela purificação (Latour, 1994). Retomando a proposta de um animismo revisitado, de Bird-David (1999), acionamos o modo como Philippe Descola (2016) propõe entender, em diversas cosmologias diferentes, os arranjos possíveis do binômio natureza-cultura, uma outra face da dupla objeto-sujeito. Em um dos exemplos apresentados, o antropólogo relata sua própria experiência de etnografia dos Achuar, na Amazônia brasileira.

Os Achuar ignoram essas distinções, que me pareceram tão óbvias, entre humanos e não humanos, entre o que é da natureza e o que é da cultura. Em outras palavras, meu bom senso não tinha nada a ver com o deles. Quando olhávamos para plantas e animais, não víamos a mesma coisa (Descola, 2016, p. 14).

Este modo de existência não é exclusivo deste povo, nem dos povos indígenas da Amazônia. Existem outros grupos, em outras partes do mundo, que vivem uma moral compartilhada entre humanos e não humanos, compartilham a "ideia de que outros existentes além dos humanos são pessoas" (Viveiros de Castro, 2015, p. 80). Esta perspectiva construtivista do conhecimento dialoga com a TAR, que considera humanos e não humanos sem distinção. Porém, a partir deste ponto avança para uma proposta que leva "absolutamente a sério o que dizem [...] os índios e todos os demais povos 'menores' do planeta, as minorias extranacionais que ainda resistem à total dissolução pelo liquidificador modernizante do Ocidente" (Kopenawa; Albert, 2015, p. 15), como nos alerta Eduardo Viveiros de Castro. Isso pressupõe

> *[...] superar as interpretações folclorizantes das vozes indígenas emergentes dentro e fora do cenário intelectual contemporâneo, tomando suas palavras não como metáforas, mas como conceitos, ou análogos de conceitos, como preferimos chamar estes operadores de pensamento que não passaram pelo liquidificador modernizante da academia (Laia; Guimarães, 2022, p. 3).*

A TAR é o ponto de partida para pensar a rede comunicacional envolvendo humanos e não humanos como um ecossistema em constante movimento, no qual os atores se impactam mutuamente a partir de suas ações. A partir disso, a lógica de existência dos povos originários do Brasil, especialmente os yanomamis, é inspiração para pensar, nesta rede, a lógica de hiperconexão, ou seja, da conexão de todas coisas, de um modo de existir em que todos importam, em uma perspectiva forjada em pesquisas teóricas e incursões empíricas a partir, especialmente, do perspectivismo ameríndio. Nesta teoria antropológica, Viveiros de Castro (2004) define o xamanismo yanomami como uma guerra comunicacional, um trabalho incessante de tradução não redutora da diferença, num esforço de comunicação entre mundos, já que todos os existentes importam, ainda que habitem cosmos diferentes. Assim como humanos conectam-se a não humanos, os não humanos também o fazem entre si, sejam estes objetos, animais, plantas, rios, fenômenos climáticos, ou o que mais existir.

Esta cosmopolítica pressupõe uma certa humanidade compartilhada que aparece traduzida nas palavras de Davi Kopenawa (Kopenawa; Albert, 2015), o xamã yanomami que, assim como seus pares, se comunica tanto com animais, árvores, rios, quanto com a chuva, com a seca e mesmo com as epidemias. Kopenawa conta seu processo de iniciação, feito por seu sogro, um poderoso xamã, incluindo a inalação sistemática do pó de yãkoana, uma mistura de raízes sagradas que provocam os estados necessários para estas operações cosmológicas. É assim que chegam os xapiri, os espíritos da mata, os cosmopolíticos que agenciam as conexões.

Kopenawa nos lembra que, assim como o exercício do estudo e da reflexão é difícil para os brancos, o xamanismo é também para ele um aprendizado rumo a um modo de acessar e comunicar o mundo.

> *Tudo isso é tão difícil quanto aprender a desenhar palavras em pele de papel. A mão fica dura no começo, o traço muito torto. É mesmo medonho! Por isso, é preciso afinar a língua para os cantos dos espíritos tanto quanto é preciso amolecer a mão para desenhar letras (Kopenawa; Albert, 2015, p. 172).*

É o xamã que media os acontecimentos, conversa com as gentes de outras espécies e comunica pela diferença, traduzindo os mundos de um modo não reducionista, neste ecossistema no qual todas as coisas se comunicam incessantemente. A própria obra é um exercício xamânico de comunicação com outra humanidade, não com a compartilhada, da floresta, mas com esta fundada no humanismo antropocêntrico. Desta comunicação

transespecífica, Viveiros de Castro (2004) faz emergir a teoria do perspectivismo ameríndio, que ele explica a partir de uma passagem:

> *Penso no tipo de mito em que, por exemplo, o protagonista humano se perde no meio da floresta e chega a uma aldeia estranha. Lá os habitantes convidam-no a beber e se refrescar com uma cabaça de "cerveja de mandioca", que ele aceita com entusiasmo e, para sua surpresa horrorizada, o anfitrião colocou ele na frente uma cabaça cheia de sangue humano (Viveiros de Castro, 2004, p. 9, tradução nossa).*

Depois de ser capturado por outro ponto de vista, o humano passa a ver os animais como pares, como humanos também. É no momento de tomar a bebida que ele percebe: o que o interlocutor vê como cerveja de mandioca, na verdade, para ele, é sangue. O que humano vê como sangue, o seu interlocutor onça vê como cerveja de mandioca, ou seja, alimento, na perspectiva humana. A maneira como o outro vê a coisa é um "equívoco", no sentido proposto aqui: a mesma bebida pode ser sangue ou cerveja, em mundos diferentes. A equivocidade está no fundamento da comunicação neste contexto sistêmico, mas, para Viveiros de Castro (2004, p. 12, tradução do autor), apresenta-se, ao cabo, como condição-limite para toda relação, na floresta ou em qualquer lugar, "condição que se torna super objetificada no caso extremo da chamada relação interétnica ou intercultural, onde o jogo de linguagem diverge ao máximo". Comunicar seria, assim, traduzir equívocos buscando uma multiplicidade e não uma univocidade a partir da pressuposição de referentes comuns, assumindo a inadequação do resultado, já que as referências de origem e de destino são diferentes.

A tradução de mundos na perspectiva yanomami é uma mediação que permite a passagem da diferença de um lado para o outro de forma menos redutora. "O perspectivismo indígena é a teoria da equivocidade ou seja, da alteridade referencial entre conceitos homônimos. A equivocidade aparece aqui como o modo de comunicação por excelência entre diferentes posições perspectivas" (Viveiros de Castro, 2004, p. 5, tradução do autor). Levando-se em conta uma série de atores, além dos humanos, a comunicação da floresta é hiperconectada, a partir da ideia de cuidado mútuo, do modelo xamânico multirreferencial. Isso é o que chamamos de *comunicação pelo equívoco* (Laia; Guimarães, 2022, p. 15-16), abordagem que assume o processo comunicacional como uma rede, propondo um animismo revisitado que torna possível uma produção não objetivista de conhecimento. A proposta também aposta na tradução xamânica yanomami como um modelo comunicacional a partir de um exercício constante de improvisação criativa.

> *Apostamos na ideia de que o equívoco se constitui como um tipo de controvérsia. Pois a cada vez que a diferença se coloca, a rede sociotécnica se desestabiliza e busca um rearranjo, um ponto de equilíbrio. Sendo a equivocação controlada o modo por excelência da comunicação transespecífica ameríndia e condição para comunicação em redes sociotécnicas, logo, este modo de produzir comunicação pela diferença mostra-se como um possível modelo comunicacional (Laia; Guimarães, 2022, p. 13).*

Os equívocos constituem-se então como lugar privilegiado para observar a circulação das agências nas conexões rizomáticas, entrada para acompanhar processos comunicacionais e mapear controvérsias. Há outras controvérsias que não são equívocos, mas as que nos interessam são os equívocos, já que estes desestabilizam a rede de um modo multirreferencial. Há controvérsias unirreferenciais, que desestabilizam a rede, e há controvérsia multirreferenciais, que também desestabilizam, só que de outro modo: as primeiras no sentido epistemológico, as segundas, no ontológico. As segundas nos interessam, aquelas que acontecem porque há tradução de mundos. Este é um modo de estabelecer conexões diverso do que tem apontado o esforço empreendido, desde meados do século XX, com vistas ao desenvolvimento de paradigmas comunicacionais, centrados na herança iluminista. Retomando a filosofia da diferença, a produção de desejo acontece na trama maquínica, seguindo os rastros de uma rede de conexão análoga ao rizoma. Entendemos que o equívoco, quando instalado nesta trama, produz desestabilizações, funciona como uma controvérsia, para a TAR. "Os equívocos são as arestas do rizoma recém-cortado, as pontas estioladas da rede decepada" (Laia; Neto, 2022, p. 23).

Temos chamado esta abordagem de *cartografia de equívocos*. Um exemplo dessa experiência é o trabalho de mapeamento das controvérsias comunicacionais multirreferenciais emergentes do tensionamento entre midiativistas e jornalistas de televisão no contexto das manifestações contra a realização da Copa do Mundo, no Rio de Janeiro, entre junho e julho de 2014, a partir de observação participante e netnografia (Medeiros, 2022). Neste recorte temporal, "os atores inventaram-se uns aos outros de acordo com essa polarização, com destaque para os jornalistas de redação, que pareciam estar preocupados com a entrada do telefone celular na rede e a consequente produção de traduções não canônicas" (Medeiros, 2022, p. 160). A entrada do telefone celular na rede-jornalismo precipitou tensionamentos na produção de relatos jornalísticos audiovisuais, de modo a gerar um primeiro equívoco identificado, em torno da própria ideia de jornalismo: cada grupo de atores tratava de algo diferente quando acionava esta palavra, cada grupo via o jornalismo como algo diverso.

Os protestos contra a realização da Copa do Mundo aconteciam exatamente um ano depois do início de uma série longa de manifestações, iniciadas no Junho de 2013, movimento que já foi precipitado no contexto global da Primavera Árabe, do Occuppy Wall Street e uma série de outras iniciativas, em rede, marcadas pela produção e disseminação de narrativas, via *smartphones*, que furavam o bloqueio da mídia (Castells, 2013). No Rio de Janeiro, em fevereiro de 2014, Santiago Andrade, um cinegrafista de uma emissora de TV, morreu depois de ser atingido por um rojão, em uma manifestação: a partir desta controvérsia, a imprensa parece ter coletivizado "os manifestantes, os *black blocs*, os midiativistas, os ninjas [midiativistas do coletivo Mídia Ninja], todos reunidos coletivizantemente em um bloco homogêneo de ação, por mais diversos que fossem" (Medeiros, 2022, p. 160). Este esquema, para usar o termo latouriano, purifica a narrativa; ou ainda, pensando o episódio como gerador de segundo equívoco identificado, define-se como uma tentativa de traduzir o fenômeno de modo unirreferencial, sem levar a multiplicidade produzida a partir de experiências diferentes: a associação entre

carros, microfones, satélites e humanos usando terno e gravata (telejornalismo) geram redes bem diferentes das associações entre telefones celulares conectados em rede, jovens de classe média com menos de 30 anos e protestos nas ruas (midiativismo).

> *Nas falas dos informantes, os pontos de fuga para a prisão dicotômica aparecem, predominantemente, nas falas dos "comuns", dos ninjas, dos midiativistas e dos streamers, e outros comunicadores que promovem a invenção diferenciante, por meio de expressões não canônicas. Não afirmo aqui que o trabalho feito fora das redações era predominantemente diferenciante, pelo contrário: a invenção fora do modo coletivizante é a exceção na rede. A questão é que esse tipo de tradução do mundo pareceu bem mais rara de se ver no ambiente institucional das redações, vistos os mecanismos de controle já sedimentados nesses espaços. Por isso mesmo, fora desses lugares, os atores apresentaram a capacidade de teorizar suas ações de maneira menos reducionista (Medeiros, 2022, p. 163).*

A partir da controvérsia identificada como geradora de equívocos, as disputas geradas em torno da morte de Andrade polarizaram a questão, que passou a ser a seguinte: jornalistas *versus* não jornalistas. O papel do cartógrafo, neste caso, foi o de rastrear as associações para mapear os equívocos presentes nessa rede, desvelar tentativas unirreferencializantes de tratar fenômenos multirreferenciais. A cartografia tem relação com a visibilidade: cartografa-se o que está à mostra (como explica a TAR, com a instalação de controvérsias e abertura das caixas pretas, ou seja, a visualização dos pontos e dos fluxos da rede) ou o que é colocado à mostra no processo (criando e nomeando modos de existência a partir do processo de cartografá-los). A proposta de uma cartografia de equívocos, inspirada no perspectivismo ameríndio, é reconhecer o nomear controvérsias de um tipo específico, os equívocos, identificando os pontos de tradução da diferença de um modo menos redutor. Acompanhar o fluxo do agenciamento que promove uma tradução que pode ser mais ou menos equivocada, ou seja, mais ou menos redutora da diferença.

> *O perspectivismo projeta uma imagem da tradução como um processo de equivocação controlada – "controlada" no sentido de que caminhar pode ser considerada uma forma controlada de cair. O perspectivismo indígena é a teoria do equívoco, ou seja, da alteridade referencial entre conceitos homônimos. O equívoco aparece aqui como o modo de comunicação por excelência entre diferentes posições de perspectiva (Viveiros de Castro, 2004, p. 5, tradução nossa).*

Este tipo de controvérsia desestabiliza redes a partir do deslocamento da operação unirreferencial para uma experiência multirreferencial de invenção de mundos, tornando visível a diferença invisível. Embora seja válido e já aborde a questão, entendemos que é importante reforçar o caráter da cartografia que propomos para além do social, logo, para além do humano. A proposta caminha por experimentos que viabilizem um caminho para além de uma abordagem materialista da ideia de rede sociotécnica, buscando uma alternativa viável para pensar um novo tipo de materialidade conectada, ou seja, uma substância que é algo no meio do caminho entre matéria e informação, um tipo de transorganicidade, já que a digitalização tornou "impossível pensar as coisas e os objetos como nos apresentou a filosofia ocidental, isto é, como matéria externa e incomunicante", nas palavras de Massimo Di Felice e Thiago Franco (2017, p. 83). O entendimento do xamanismo como um modelo de comunicação pela diferença e como tecnologia ancestral constitui-se, assim, um "rumor discreto" (Precisa, 2010), abrindo caminho para pensarmos a suspensão da dicotomia orgânico-maquínico como algo para além de um remendo ontológico.

4 Contribuições possíveis

"Alguém me responda, por favor: quando é que uma experiência acaba?" A pergunta que abre um dos capítulos de *Rumores discretos da subjetividade*, de Preciosa (2010, p. 79), cabe bem neste ponto em que tentamos sumarizar as possibilidades de uma abordagem para mirar processos comunicacionais. Retomando a introdução deste artigo, lembramos que um dos desafios colocados para a pesquisa em comunicação é justamente o fato de que abordamos, comumente, processos, ou seja, nunca sabemos quando precisar o momento em que o fenômeno começa e em qual termina. As abordagens cartográficas, ao contrário de outras metodologias, assumem a condição processual como parte do trabalho, apostando nas relações espaçotemporais do campo como indicadores do caminho de entrada e de saída.

Este caminho, é importante reforçar, está marcado por uma perspectiva construtivista, ou seja, que considera as coisas do mundo e os sentidos conferidos a eles como construções, nada está pronto de antemão, não existe um *a priori*. A partir deste ponto em comum, e retomando a apresentação das propostas, construídas ao longo das sessões deste artigo, temos o seguinte inventário:

1) A cartografia de inspiração deleuziana, apresentada a partir das leituras de Virgínia Kastrup e Eduardo Simonini, acompanha processos de construção de realidades, o que nos oferece um caminho fecundo para pensar como identidades se forjam a partir de processos comunicacionais, midiáticos ou não, envolvendo, especialmente, humanos – mesmo na interação com o ambiente o foco está no humano.

2) A cartografia das controvérsias, proposta de Bruno Latour e operacionalizada por André Lemos, torna visíveis as interações envolvendo humanos e não humanos, em condição de igualdade, na teia chamada de rede sociotécnica, em contraposição ao conceito de sociedade, que leva em conta apenas os humanos – tal concepção oferece um importante aporte para pensar interações contemporâneas, quando os objetos técnicos da comunicação ganham cada vez capacidade de agenciamento.

3) A *cartografia de equívocos*, que propomos a partir de incursões empíricas e teóricas inspiradas no modelos de comunicação xamânica descrita no perspectivismo ameríndio, em Eduardo Viveiros de Castro, identifica e mapeia os pontos de tradução da diferença de um modo menos redutor, processo que nomeamos de *comunicação pelo equívoco* – esta abordagem constitui-se um passo além rumo a uma comunicação que inclua humanos e não humanos e que leve em consideração a conexão de todas as coisas, frente aos desafios dos fenômenos comunicacionais complexos por vir, agenciados, especialmente, pela alteração dos nossos modos de existência.

A expectativa é que a proposta ofereça possibilidades para capturar fenômenos em movimento, a configuração e reconfiguração de redes sociotécnicas, não apenas, mas especialmente no campo da comunicação. Para além dos acoplamentos rizomáticos e das associações em rede, os equívocos revelam-se a partir da experiência da conexão. A cartografia de equívocos não propõe uma ruptura em relação aos dois modelos apresentados anteriormente, ao contrário disso, está em completa consonância com a proposta de enxergar as ambiências como rizomas ou redes sociotécnicas, a diferença é que o limite se expande: se tudo está conectado, não apenas humanos e objetos estão em relação, mas todos os existentes. As investidas cartográficas orientadas por uma comunicação pelo equívoco revelam as mediações, os equívocos constituem-se então como lugar privilegiado para observar a circulação das agências nas conexões rizomáticas, nas redes sociotécnicas. Assim, constituem-se como um *locus* adequado para acessar processos comunicacionais, não apenas nos ecossistemas midiáticos, mas também em processos de comunicação *lato sensu.*

Referências

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BIRD-DAVID, Nurit. "Animism" Revisited: Personhood, Environment, and Relational Epistemology. *Current Anthropology*, vol. 40, Suplemment. The Wenner Green Foundation for Anthropological Research, fev. 1999, p. 67-91.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. (Volume 1) Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.

DI FELICE, Massimo; FRANCO, Thiago. Ecologias conectivas: o animismo digital, a ecologia informatizada e a matéria em rede. *In*: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete. (org.) *Redes e ecologias comunicativas indígenas*: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação. São Paulo: Paulus, 2017, p. 63-88.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32-51.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda.* São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAIA, Evandro José Medeiros; NETO, Fernando de Souza. Da pandemia à xawara: mapeamento das notícias de TV a partir do jornalismo em equívoco. *Alemur*, v. 7, n. 2, 2022, p. 18-30. Disponível em: https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/5231/4118. Acesso em: 15 jan. 2023.

LAIA, Evandro José Medeiros; GUIMARÃES, Lara Linhalis. Coisas, mundos, traduções: dobras para uma comunicação pelo equívoco. *Contracampo*, v. 41, n. 3, set./dez. 2022. Disponível em: https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/52775/33567. Acesso em: 25 dez. 2022.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos.* São Paulo: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social*: an introduction to Actor-Network-Theory. New York: Oxford University Press, 2005.

LEMOS, André. *A comunicação das coisas*: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

MEDEIROS, Evandro. *O jornalismo em equívoco*: sobre o telefone celular e a invenção diferenciante. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2022. Disponível em: https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2022/08/O-JORNALISMO-VERSAO-FINAL.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade*: sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina/ UFRGS, 2010.

SIMONINI, Eduardo. Linhas, tramas, cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. *In*: GUEDES, Adrianne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (org.). *Pesquisa, alteridade e experiência*: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019. p. 73-92.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 77, p. 91-126, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/FLYCmByK8ddHyrFt9HfcMfM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 30 jan. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac e Naify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation. *Tipití, Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 2, n. 1, , p. 1-20, 2004. Disponível em: http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1. Acesso em: 10 maio 2023.

WEIR, José Àngel Quintero. Da "virada ontológica" ao tempo de volta do nós. *Amazônia Latitude*, 6 abr. 2021. Disponível em: https://amazonialatitude.com/2021/04/06/da-virada-ontologica-ao-tempo-de-volta-do-nos/. Acesso em: 22 dez. 2022.

Artigo submetido em 14/05/2023
Aceito em 04/10/2023